

Universidade Federal do Paraná  
Setor de Ciências Humanas  
Departamento de Literatura e Linguística

## **Memorial descritivo da trajetória acadêmica**

Maria Cristina Figueiredo Silva

Memorial descritivo apresentado como  
requisito parcial para fins de progressão  
funcional de docente Associado IV para  
Professor Titular, conforme resolução nº  
10, de 23/07/2014 – CEPE/UFPR

Curitiba

2019

## Índice

|                                     |    |
|-------------------------------------|----|
| 0. Informações pessoais .....       | 03 |
| 1. Introdução .....                 | 05 |
| 2. Atividades de ensino .....       | 06 |
| 3. Atividades de pesquisa .....     | 09 |
| 4. Atividades de extensão .....     | 16 |
| 5. Atividades administrativas ..... | 19 |
| 6. Produção acadêmica .....         | 21 |
| 7. Notas finais .....               | 28 |

## o. Informações pessoais ou como eu fui parar na Linguística

O meu nome é Maria Cristina Figueiredo Silva, eu sou brasileira, nascida a 14 de janeiro de 1961 em São Paulo, capital. Estudei em colégios de freiras (que a minha mãe achava que davam uma boa formação para moças!) até o final do primeiro grau, em 1975. O colegial (como se chamava na época) eu fiz num colégio experimental em São Paulo, o Grupo Educacional Equipe, entre 1976 e 1978. Devo a essa escola uma excelente formação em humanas, com ênfase particular na habilidade de escrever, uma coisa que se revelaria muito útil na minha vida profissional.

Apesar da formação humanística, o primeiro vestibular que tentei fazer foi para o curso de matemática na USP, ao final de 1978. Passei para a segunda fase, mas afinal não fui aprovada. Não desisti: fiz cursinho em 1979 e no final do ano prestei vestibular novamente. Entrei no IME/USP para começar o curso em 1980. Que vitória!

... e que decepção! Não exatamente com o curso, mas comigo mesma. Eu me achava ótima em matemática porque tinha tido boas notas na escola, mas, uma vez na universidade, revelou-se afinal que eu não tinha uma ideia muito clara de que habilidades eram necessárias ali. Aliás, eu não tinha a menor ideia! Lembro de uma aula de Cálculo 1 em que o professor escreveu na lousa: “prove que a soma dos limites é igual ao limite da soma”. E eu me perguntei: “mas o que eu tenho que provar? Já não está escrito que é igual?” Super por fora...

É preciso dizer que a Matemática se parece com a Letras no sentido de que o curso tem dois grandes conjuntos de disciplinas básicas: de um lado os cálculos, de outro geometria e as álgebras. Nas álgebras eu ainda me saía bem, mas nos cálculos o desastre foi total: tive que fazer três vezes Cálculo 1 para conseguir aprovação na disciplina e ainda passei raspando! Vexame total!

Por outro lado, exatamente porque tinha sido reprovada em Cálculo 1 e essa disciplina era pré-requisito para várias outras é que fui fazer as “perfumarias” – as disciplinas optativas, algumas das quais não tinham nenhum pré-requisito. Numa delas (História da matemática? Não me lembro mais...) li um texto (de quem, Senhor?) em que o autor dizia que a matemática era uma linguagem com um léxico e uma sintaxe, muito similar a uma língua natural, com a diferença básica de que o léxico da matemática era fechado e sua sintaxe comportava um conjunto de regras pequeno e absolutamente conhecido. Isso foi

uma revelação pra mim! Percebi ali que o que me interessava mesmo na matemática era a linguagem!

Isso foi no primeiro semestre de 1981. No semestre seguinte eu fui fazer uma optativa na Letras; queria alguma coisa na Linguística, mas o horário não fechava e eu acabei fazendo uma disciplina de estudos literários... Não era bem isso o que eu queria, mas claramente chegava mais perto! Prestei vestibular no final do ano para Letras e entrei em Linguística. Como havia a possibilidade de escolher mais um curso lá dentro, escolhi Português.

Por uma série de razões que não vale a pena detalhar aqui, o curso de Linguística da USP era sofrível nessa época; eu tive a sorte de estar numa turma grande e cheia de gente boa, o que nos permitiu chegar ao final do curso, em 1985. Eu tinha interesse em fazer um mestrado, mas não na USP. Numa sexta-feira fiquei sabendo que terminava na segunda o prazo de inscrição para o mestrado na UNICAMP, e então escrevi no final de semana um projeto de mestrado bastante “criativo”: eu me dispunha a fazer uma versão em português de um programa para computador que simulava ser uma psicóloga - imaginem como era isso! Em 1985 os computadores pessoais guardavam dados em fitas cassete! Mas a questão da conjugação verbal era interessante e por conta disso o meu projeto foi aprovado... na linguística aplicada!

Bem cedo, porém, eu concluí que o programa que simulava ser uma psicóloga era um engodo – ela era uma charlatã! Porém, fazendo as disciplinas básicas eu tive contato com a gramática gerativa, que estava em um de seus desdobramentos mais interessantes desde o início da década e não havia como não se fascinar por ela. Mudei de orientação – a Charlotte Galves me recebeu como orientanda – e assim eu fui para a linguística teórica. O mestrado, que comecei em 1986, terminei em 1988 com um trabalho sobre clíticos em galego, que deu como fruto indireto o projeto de doutorado e um *squib* na DELTA.

No final do ano eu prestei o doutorado ali no IEL, mas já estava de olho num estágio no exterior, que se concretizou em 1989, com uma especialização na Suíça, viabilizada por uma carta da Profa. Charlotte Galves para o Prof. Luigi Rizzi. Fui para ficar um ano e acabei fazendo o doutorado fora, entre os anos de 1990 e 1994, exatamente sob a orientação do Prof. Rizzi. Voltei para o Brasil em julho de 1994 e fui para a UFSC como recém-doutora.

E assim começa a minha carreira acadêmica oficial...

## 1. Introdução

Quando finalmente voltaram à cena os concursos para professor titular nas universidades federais, eu comecei a imaginar o que exatamente eu apresentaria como tese – sim, eu tinha optado por escrever uma tese para a progressão para professor titular! Já tinha até o tema e uma parte da pesquisa feita – seria sobre as orações relativas, um tesouro descoberto recentemente que de qualquer modo ainda vai merecer um livro todo dedicado às suas diversas facetas: as assimetrias que se observam na aquisição com respeito à relativização a partir de diferentes posições, certas particularidades entoacionais que distinguem relativas de clivadas, com as quais se parecem superficialmente, a origem das cortadoras nas estruturas de fronteamento, enfim, um livro que descortine os vários lados dessas construções tão interessantes.

Os tempos bichudos, contudo, me obrigam a fazer a opção pelo memorial, supostamente uma tarefa mais simples e mais rápida... É preciso dizer que eu gostaria de escrever o livro para esconder uma característica da minha vida acadêmica que me incomoda um pouco: observo certa difusão na minha pesquisa, que salta de um assunto a outro – são muitas as coisas que me interessam e o tempo pra estudá-las todas eu me dou conta de que é curto. Olhando, porém, o parágrafo acima, que lista o que eu quero que conste no livro, eu me dou conta de que a tese também tornaria clara essa minha faceta... portanto, sob esse ponto de vista, a rigor é exatamente o mesmo escrever a tese ou o memorial!

Mas, ao contrário do que poderia parecer à primeira vista, não é tão simples escrever um memorial. Requer, além de método e disciplina, alguma distância no relato de mim mesma e do meu trabalho, um equilíbrio delicado entre admiração e generosidade – admiração para o que tem de bom, generosidade para o que não é tão bom assim – e essas são coisas que eu devo pedir igualmente aos leitores, membros da banca...

Não vou me estender nessa introdução; só explicito aqui qual ordem escolhi seguir: aquela da resolução do CEPE (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPR), que atribui pontos para as atividades de ensino (na seção 2), pesquisa (seção 3), extensão (seção 4), atividades administrativas (seção 5) e produção acadêmica (seção 6). A seção 7 fecha o memorial com algumas notas sobre o que eu ainda quero fazer na minha vida acadêmica.

## 2. Atividades de ensino

Tenho pouca paciência para preencher o Lattes e por isso em raríssimas ocasiões registrei as disciplinas que ministrei desde que comecei a minha carreira como docente universitária, lá nos idos 1988, com um contrato temporário como professora substituta na UNICAMP – por sorte, essa está registrada no Lattes: era uma disciplina chamava Gramática II, um curso de sintaxe.

Registrei igualmente no Lattes as primeiras disciplinas que ministrei como professora efetiva na UFSC. Antes, como recém-doutora, entre setembro de 1994 e julho de 1996, eu havia ministrado uma disciplina de introdução à linguística e também a disciplina de sintaxe na graduação, mas atuei desde o início na pós-graduação ao lado de Carlos Miotto, que também havia chegado na UFSC no início de 1994 e que, por razões diversas, no meio do ano já era o coordenador do programa de pós-graduação em Linguística. Eu conhecia o Carlos Miotto dos anos de mestrado na UNICAMP – ele fazia o doutorado também com orientação da Charlotte – e essa identidade teórica permitiu que constituíssemos juntos o campo de estudo da sintaxe gerativa, numa parceria que incluiu igualmente a Ruth Lopes, que por seu turno estava mais voltada para o campo da aquisição da linguagem, também na perspectiva gerativa.

Os primeiros anos de UFSC foram incríveis. Por conta de uma série de aposentadorias, abriram várias vagas no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas (DLLV) e muita gente de fora se concursou nessa segunda metade dos anos 90. Formou-se assim um grupo de pessoas novas (vindo predominantemente da UNICAMP, mas não só), com muita vontade de trabalhar e de criar um centro de pesquisa de excelência no sul do Brasil. É de 1995 o primeiro Celsul, organizado com pouquíssimos recursos, mas com muita imaginação – encenamos inclusive uma ópera, composta por Emílio Pagotto!

O modo de implementar na graduação essa vontade de formar um centro de pesquisa na UFSC foi uma mudança curricular proposta pelo chefe do DLLV, exatamente o Emílio Pagotto, que tirou as disciplinas da lógica da produção textual e deu a cada uma delas um objetivo particular, que era afinal o de dar uma formação num campo teórico específico: fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, análise do discurso, sociolinguística, psicolinguística, etc.

Nos 14 anos em que fui professora efetiva do quadro de docentes da UFSC, atuei principalmente ministrando as disciplinas de sintaxe do português (cujo conteúdo era sintaxe gerativa, no modelo de Regência e Ligação), morfologia do português (onde se explorava basicamente a obra de Mattoso Camara Jr., com uma pitada final de morfologia gerativa) e psicolinguística (que assumimos como sendo uma disciplina de aquisição da linguagem, dada também da perspectiva gerativa). Oferecíamos também optativas, e as minhas eram invariavelmente disciplinas de morfologia gerativa ou de sintaxe gerativa.

Estas foram as disciplinas que ofereci inclusive em cursos EaD, que passaram a integrar nosso leque de ofertas a partir do meio dos anos 2000, primeiramente o curso de Letras-Libras (do qual participei em suas duas versões, em 2006 e 2008, sempre oferecendo a disciplina de morfologia) e em seguida o curso de Letras-Português, no qual ministrei a disciplina de aquisição da linguagem, já quando estava fora da UFSC, em 2010.

Contudo, o nível de atuação mais interessante foi a Pós-graduação. Desde a minha entrada na UFSC como recém-doutora, atuei ao lado de Carlos Miotto ministrando muitas disciplinas juntos. Foi excelente para a minha formação e também para os alunos que tínhamos logo no início, a maioria dos quais herdados de professores que se aposentaram ou se mudaram. Além disso, convidamos professores de dentro e de fora do Brasil (a Mary Kato, a Valentina Bianchi, a Anna Cardinaletti) para ministrarem cursos para os nossos alunos e isso representou de fato um diferencial no que se fazia na UFSC até então.

O Programa de pós-graduação em Linguística, na época, tinha um núcleo básico de cinco disciplinas (fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e epistemologia), dentre as quais os alunos deviam escolher três. Logo em 1995, a professora que sempre havia ministrado a disciplina de morfologia na pós-graduação resolveu não mais oferecer a disciplina e foi assim que essa disciplina literalmente caiu do céu no meu colo!

Num primeiro momento, eu devo confessar que não gostei muito da conversa, porque eu não tinha estudado especificamente morfologia nem no mestrado nem no doutorado e por isso eu devia começar do zero. Mas foi exatamente procurando um manual de morfologia gerativa que eu tomei contato com um campo de pesquisa que se tornou uma paixão! O livro do Andrew Spencer foi uma revelação! Um universo de coisas interessantíssimas se

abriu para mim, o que me permitiu inclusive avaliar com mais precisão a contribuição genial de Mattoso Camara – por mais incrível que possa parecer!

Mas depois de 16 anos de UFSC, o cenário no departamento e também na pós-graduação tinha mudado bastante e me parecia cada vez menos interessante: eu me sentia estagnada, trabalhando num lugar em que era nítida a hostilidade com respeito ao quadro teórico com o qual eu sempre trabalhei. Estando no meio da carreira, era muito tempo pra ficar num lugar que não me agradava esperando a aposentadoria! Seriam 15 longos anos! Além disso, a aposentadoria iminente do Carlos Miotto, meu grande parceiro de linha de atuação, e a abertura de muitos concursos pelo Brasil, por conta da expansão das universidades federais pelo programa REUNI, tornou possível eu vir me concursar na UFPR no meio de 2009, assumindo a vaga no início de 2010.

Porém, antes mesmo de assumir a vaga aqui, já em 2009 eu vim me ligar ao Programa de pós-graduação em Letras da UFPR, ministrando uma disciplina no segundo semestre de 2009 e abrindo vagas para a seleção de mestrado e doutorado do final do ano para início em 2010.

Mudar pra Curitiba foi das melhores coisas que eu fiz na vida! É verdade que não é uma cidade tão bonita quanto Florianópolis, mas Curitiba é uma cidade espetacular, com uma vida cultural – particularmente musical – que se compara à de São Paulo ou de Lisboa. E o ambiente no departamento é também muitíssimo mais cordial. Não é que não haja muitas diferenças e conflitos de toda sorte, mas tudo se mantém dentro do limite do civilizado, inclusive nas situações de engalfinhamento generalizado! Adoro estar aqui!

Contudo, o departamento é menor e o conjunto dos professores da área de linguística e língua portuguesa não cobre todas as especialidades, o que quer dizer que a cada semestre somos convidados todos a ministrar disciplinas que não fazem parte de nossa formação específica. Assim, desde 2010 tenho ampliado o leque de disciplinas que oferto (para as quais tenho que estudar, é verdade!), incluindo fonética e fonologia, semântica, introdução à pesquisa científica, sociolinguística e até mesmo produção textual para a gestão da informação! Claro, brigo pela disciplina de sintaxe quando algum aventureiro quer lançar mão! Na pós-graduação, por outro lado, continuo ministrando sintaxe e, mais frequentemente, morfologia, que continua sendo uma paixão...



### 3. Atividades de pesquisa

Desde que voltei para o Brasil, em 1994, estou engajada em algum projeto de pesquisa. Para conseguir a bolsa de recém-doutor do CNPq, no final de 1994, tive que fazer um projeto, é claro. Como ele não está registrado no Lattes, não sou capaz de dizer o nome do projeto, mas lembro que ele se relacionava com uma questão que já incomodava o Fernando Tarallo na tese dele, de 1983, que é o aumento de preenchimento pronominal na posição sujeito ser concomitante com a diminuição da realização pronominal explícita na posição de objeto. A hipótese que eu queria investigar era se haveria alguma relação de necessidade entre essas duas coisas. Dito de outro modo, a hipótese que eu queria investigar na época era se uma mesma estratégia de legitimação de nulos não estaria em atuação em ambos os casos – uma ligação A-barrado de alguma natureza, por exemplo. No entanto, como eu já sabia de um trabalho feito no doutorado em parceria com a Valentina Bianchi <sup>1</sup>, os objetos nulos inanimados do português brasileiro se comportam como legítimos pronominais; apenas os objetos nulos [+animados] podem ser considerados variáveis, isto é, podem ser analisados como colocando em jogo uma ligação A-barrado de alguma natureza. E num levantamento estatístico bastante elementar que eu fiz na época, vi que a maior parte dos objetos nulos é de inanimados, não animados, o que matava no ninho a minha hipótese... Paciência, que a investigação científica é assim mesmo...

Evidentemente, tive outros projetos de pesquisa durante a segunda metade dos anos 90, mas como eu não os registrei no Lattes, agora dependo apenas da memória e os meus leitores dependeriam apenas da crença na minha memória. Quero poupá-los disso, mas gostaria de mencionar um projeto que eu fiz no interior de Santa Catarina, inicialmente junto com alguns professores do italiano, mas em seguida sozinha, que foi de documentação dos dialetos italianos falados nas cidades de colonização italiana, como Nova Veneza e Nova Trento. Na verdade, esses dialetos do norte da Itália aqui se configuraram como uma espécie de língua geral, o *talian*. O mais interessante, porém, é que não encontrei apenas o veneziano e o trentino; encontrei também o bergamasco!

---

<sup>1</sup> FIGUEIREDO SILVA, M. C.; BIANCHI, V. On some Properties of Agreement-Object in Italian and In Brazilian Portuguese. In: Mazzola, M. (org.) *Issues and Theory in Romance Languages*. Washington, D.C.: Georgetown University Press. v. 1. p. 181-190.

Menos mal que o Lattes se tornou necessidade imperativa a partir do início dos anos 2000, em particular para quem queria submeter um projeto de pesquisa ao CNPq para uma bolsa de produtividade em pesquisa. Foi o que fiz no ano 2000, num projeto que conjugava a morfologia e a sintaxe, procurando localizar onde exatamente entrava a morfologia nas formações sintáticas, para além do problema das conjugações verbais e da concordância – por exemplo, um dos problemas da agenda de pesquisa do projeto era uma investigação sobre uma observação particularmente arguta de Mattoso Camara a respeito dos subjuntivo: ao contrário do que pensam os estudos tradicionais, não estamos frente a um sistema de três tempos (presente, imperfeito e futuro), mas, antes, de dois sistemas de dois tempos (imperfeito e presente, de um lado, e imperfeito e futuro, de outro). O que eu queria mostrar é a relação entre esses dois sistemas e o sistema gramatical de argumentos e adjuntos: o sistema imperfeito-presente funciona nos contextos selecionados de subjuntivo (por exemplo, na complementação do verbo *querer*, onde temos: *eu quero que você vá, eu queria que você fosse*, mas não *\*eu vou querer que você for*), ao passo que o sistema imperfeito-futuro funciona nos contextos não selecionados (por exemplo, nas condicionais: *se você fosse médico (...)* ou *se você for médico (...)*, mas não *\*se você seja médico (...)*). Aliás, cheguei a apresentar um trabalho sobre esse tema, feito em parceria com uma aluna do doutorado, no Celsul em 2000<sup>2</sup>, que foi aqui em Curitiba, trabalho posteriormente publicado nos *Anais* do evento.

O outro problema abordado pelo projeto eram as construções do tipo “dar uma X-ada”, que coloca um problema de interface entre morfologia e sintaxe muito interessante, porque essa construção faz uso de uma formação em *-(a)da* que pode não existir na língua fora da construção: *pensada*, por exemplo. Este trabalho foi apresentado em 2001 num congresso do GEL e posteriormente publicado na revista *Estudos Linguísticos*<sup>3</sup>. Também é um desdobramento dele a publicação em parceria com outra aluna, no ano de 2003<sup>4</sup>, também na revista *Estudos Linguísticos*, já que ela foi apresentar nosso trabalho no GEL de 2002.

---

<sup>2</sup> FIGUEIREDO SILVA, M. C.; SILVÉRIO, S. M. Notas sobre os diferentes tempos do subjuntivo. Apresentação feita no *40 encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul - CELSUL*, 2000, UFPR, Curitiba.

<sup>3</sup> FIGUEIREDO SILVA, M. C. Dando uma pensada nessa construção. *Estudos Linguísticos* (São Paulo), São Paulo, 2002 (cd room).

<sup>4</sup> FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LISBOA DE LIZ, L. Construções em *-ada*: propriedades morfossintáticas. *Estudos Linguísticos* (São Paulo), São Paulo, v. XXXII, 2003.

Esse projeto foi interrompido para o meu primeiro pós-doc, que foi em Lisboa, sob a supervisão de João Costa. A parceria com o João Costa começou no ano 2000, quando nós dois participamos do projeto “PE-PB: unidade e diversidade na passagem do milênio”, coordenado pela Profa. Mary Kato (pelo lado brasileiro) e pelo Prof. João Peres (pelo lado português). Ao nosso grupo coube uma investigação sobre ordem de palavras, em particular sobre a alternância SV e VS, um assunto que não era novo para mim, mas do qual na verdade eu sabia pouco. Foi interessantíssimo o trabalho sobre o tema para o projeto PE-PB e mais interessante ainda o seu desdobramento depois, no estágio de pós-doc, que eu fiz na UNL, em Lisboa, com uma bolsa portuguesa do MCT, entre setembro de 2002 e julho de 2003.

O que o estágio de pós-doutorado me mostrou foi que a escolha entre as ordens de palavras tem uma relação direta com a estrutura informacional da sentença – portanto, a inversão livre do sujeito está bem longe de ser livre! Mas o que me fascinou completamente foi perceber a relação disso com a entoação das sentenças. De repente, “ouvi” duas melodias para o SV do português brasileiro, e a partir daí comecei a perceber como a entoação revelava e configurava certos fenômenos sintáticos – me apaixonei pelo tema!

Assim o projeto seguinte submetido ao CNPq se chamaria “Ordem das palavras: uma longa conversa de interfaces”, e seria desenvolvido a partir de 2003, quando da minha volta ao Brasil. O objetivo agora era investigar a interface entre a sintaxe e a fonologia entoacional, observando como as alterações de ordem modificariam a prosódia da sentença. Ao lado do problema da ordem VS, estavam na alça de mira construções com advérbios e também fenômenos de fronteamto de constituintes, como a topicalização ou a focalização.

O problema para implementar esse projeto é que eu sabia pouco ou nada sobre fonologia entoacional no momento em que eu comecei a estudar o assunto. O que se revelou é que eu precisava de uma parceria. E eu encontrei uma excelente parceira na UFSC mesmo: a profa. Izabel Seara, foneticista de formação, que também era do francês e por isso, quando nós começamos a trabalhar juntas, ela ainda era professora do Centro de Educação, na área de ensino do francês. Mas ela também trabalhava na engenharia elétrica com o seu marido, Rui Seara, no Linse – Laboratório de eletrônica aplicada, e, por conta

do trabalho com um sintetizador de voz que estava sendo desenvolvido na época pelo Linse, o seu interesse pela fonologia entoacional também era crescente.

Essa foi uma parceria muito ditosa, porque conseguimos de fato construir um conhecimento compartilhado sobre sintaxe e fonologia e assim trabalhar por muitos anos sobre essa interface. O problema da ordem das palavras, em particular SV *versus* VS, sempre foi muito caro para nós e temos uma série de publicações sobre diferentes aspectos dessa alternância, além de uma quantidade razoável de apresentações em congressos diversos<sup>5</sup>. Na verdade, eu redimensionei o projeto deste primeiro triênio e consegui renová-lo em 2007 por mais três anos, agora com objetivos ainda mais ambiciosos: o trabalho no primeiro projeto mostrou que a fonologia entoacional era uma parte importante da conversa, mas não era a conversa toda: a fonologia métrica, que responde pela parte do ritmo, também devia ser chamada, porque muitas observações sintáticas sobre a percepção do acento não se viam contempladas apenas pela descrição dos padrões melódicos feita pela fonologia entoacional. É preciso dizer que esse período também foi uma época de formação de quadros muito importante na minha carreira: foi quando eu tive mais alunos de iniciação científica, alguns dos quais seguiram a carreira acadêmica, depois fazendo o mestrado comigo ou com outro professor, e ainda o doutorado.

Por outro lado, a participação no curso de graduação à distância Letras-Libras me colocou em contato com a língua brasileira de sinais e com uma série de problemas de morfologia que são particularmente difíceis de resolver quando entra no jogo uma língua não oral. E sim, a morfologia continuava a ser uma paixão! Por isso, de 2009 a 2013, eu apresentei ao departamento e ao programa de pós-graduação aqui na UFPR um projeto que investigaria as operações morfológicas como a derivação e a composição e também as suas fronteiras – embora a derivação seja muito produtiva em português, trata-se de um processo pouco produtivo em Libras; a composição, por outro lado, é largamente utilizada em Libras, inclusive em contextos que o PB utilizaria uma oração relativa, por exemplo. O problema da interface entre morfologia e sintaxe continuava me interessando, incluindo as fronteiras entre compostos e

---

<sup>5</sup> Por exemplo, em 2007, no *III Seminário Internacional de Fonologia* apresentamos o trabalho “Uma nota sobre o padrão entoacional das sentenças VS em português brasileiro”; em 2008, apresentamos o trabalho “Prosódia de sentenças S(ujeito)-V(erbo) no português brasileiro: experimentos perceptuais” tanto no *XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, quanto no *VIII Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul*.

expressões idiomáticas. Nesse momento, a morfologia já estava novamente em voga, em especial por conta do florescimento da pesquisa em Morfologia Distribuída no Brasil, e eu me juntei a esse grupo de trabalho, participando de congressos e apresentando trabalhos sobre o português<sup>6</sup> e também sobre Libras<sup>7</sup> (alguns dos quais em parceria com uma ex-aluna que se apaixonou por Libras!).

Mesmo depois de ter me concursado e ter assumido a vaga na UFPR, eu ainda continuei a trabalhar sobre a interface entre a fonologia entoacional e a sintaxe, embora a parceria com a Izabel Seara já não fosse mais possível, dada a distância; por outro lado, a existência de um Laboratório de Fonética na UFPR, coordenado pela Profa. Adelaide Pescatori Silva, me animou a continuar explorando questões que me pareciam ainda sem resposta nos estudos anteriores. Foi por isso que o projeto do CNPq que vigorou entre 2010 e 2013 se debruçou sobre a questão da mudança de tessitura e da desacentuação.

Nos projetos anteriores já tínhamos observado que as diversas partes da sentença não são pronunciadas todas na mesma faixa de *pitch* (ou frequência fundamental); é bastante comum, por exemplo, que o que vem na frase depois do foco informacional se apresente em outra faixa de frequência, normalmente mais grave. Assim, se a resposta para uma pergunta como *quem a Maria convidou para a festa?* for uma frase completa, como *a Maria convidou a Ana para a festa*, o que se observa é que o PP *para a festa* se realiza numa faixa de frequência bastante inferior ao do resto da sentença. O mais interessante, contudo, é que essas não são as únicas construções que exibem esse tipo de fenômeno: por exemplo, as construções apositivas de um modo geral tendem a ser realizadas do mesmo modo – numa frase como *a Maria, eu suspeitava, não se entregaria facilmente*, é nítido que o comentário inserido entre o sujeito e o predicado se realiza numa faixa de frequência muito mais baixa. A pergunta que me guiou naquele momento foi: o que essas estruturas todas têm em comum para dar um mesmo indício fonológico para as crianças aprendendo a língua?

Devo confessar, no entanto, que a falta da parceria com a Izabel Seara acabou se revelando crucial. Não é que eu não soubesse mexer nos instrumentos do laboratório de fonética e não conseguisse extrair dados, mas eu titubeava na

---

<sup>6</sup> FIGUEIREDO SILVA, M. C.. Compostos e expressões idiomáticas no português brasileiro e no espanhol rio-platense. Apresentação feita no *XVI Congreso Internacional de la ALFAL*, 2011, Alcalá de Henares.

<sup>7</sup> FIGUEIREDO SILVA, M. C.; SELL, F. S. Algumas notas sobre compostos em português brasileiro e em libras. Apresentação feita em *Tardes de Linguística da USP*, 2009.

interpretação deles. Além disso, a rigor não havia nada que garantisse que as diferentes estruturas que exibiam essa particularidade em sua melodia tivessem efetivamente algo em comum. Em particular isso que eu chamei de construções apositivas se revelou uma miríade de estruturas: estão aí construções parentéticas de uma maneira geral, relativas explicativas, advérbios deslocados, enfim, uma parafernália de estruturas que em três anos de pesquisa eu não consegui discernir bem umas das outras. Embora já mais descrente da possibilidade de encontrar uma generalização real sobre a sintaxe dessas construções, redimensionei o projeto e continuei o estudo nos três anos seguintes, com um projeto intitulado “Mais sobre mudança de tessitura”.

Encerrei o meu estudo sobre a interface entre a fonologia entoacional e métrica, a fonética acústica e a sintaxe em 2016, não porque tudo o que poderia ser explorado já tinha sido explorado, mas porque me dei conta de que esse estudo estava me levando para cada vez mais longe da sintaxe gerativa e mais perto da análise da conversação, da estrutura informacional e da linguística de uso. Não era isso o que eu queria; além disso, esses novos campos de estudo me distanciavam da minha formação mais estrita, onde a rigor eu posso dar a minha contribuição mais significativa, porque ela está ancorada em anos de estudo dentro de um mesmo quadro teórico. De qualquer modo, esses projetos foram fonte de muito aprendizado, para mim e para outros pesquisadores que trabalharam comigo nesse período aqui na UFPR – em 2011 e 2012 dois colegas vieram fazer o pós-doutorado aqui e exploramos a prosódia e a interface dela com a sintaxe de muitas das construções que faziam parte do projeto, apresentando nossos resultados em situações diversas: trabalhos sobre VS no caso da Profa. Sílvia Nascimento<sup>8</sup>, em 2011, e sobre sentenças relativas no caso do Prof. Sérgio Menuzzi<sup>9</sup>, em 2012. Em ambos os casos, os trabalhos foram publicados nos anais dos eventos. Outras apresentações e outros trabalhos publicados dão conta dos resultados parciais desses dois projetos nos anos que vão de 2010 e 2017, incluindo trabalhos sobre temas parcialmente relacionados, como orações clivadas ou nomes nus em português brasileiro.

---

<sup>8</sup> “Considerações sobre a entoação de sentenças VS no português brasileiro”, trabalho apresentado no *Encontro intermediário do grupo de trabalho Teoria da Gramática – ANPOLL*, em 2011.

<sup>9</sup> “Notas sobre a Prosódia e a Estrutura Informacional das Relativas”, trabalho apresentado no *X Celsul*, em 2012, aqui também em parceria com Flávio Martins de Araújo, meu aluno de doutorado na época.

Por outro lado, nunca perdi o interesse pela morfologia, embora ela tenha sempre estado um pouco no lugar da amante, minha segunda vida acadêmica. Mas a verdade é que sempre foi necessário, ao lado do projeto principal em sintaxe financiado pelo CNPq, manter aberto um projeto em morfologia no Programa de Pós-graduação em Letras, por conta da exigência da Capes de que todos os nossos alunos estejam vinculados a algum projeto nosso. É por essa razão também que, uma vez encerrado o projeto que discutia prefixos e compostos, eu abri outro projeto, desta feita em morfologia flexional. O problema central é novamente inspirado em Mattoso Camara Jr.: quantas conjugações tem o português brasileiro? São três que de vez em quando viram duas (por exemplo, no imperfeito do indicativo ou nas formas do particípio) ou são duas que em certas ocasiões se transformam em três (como nas formas em que a vogal temática é tônica, como na primeira pessoa do plural do presente do indicativo)? A questão é um tanto trivial se o que chamamos de paradigma verbal for somente um modo de organizar os conjuntos de desinências verbais; fica mais interessante a pergunta se o que chamamos de paradigmas nas línguas tiver propriedades universais de alguma natureza, por exemplo quanto ao seu formato, caso em que é relevante determinar o número de conjugações de uma língua. Note-se que, no que tange à interface com a sintaxe, o conjunto de formas de que a língua dispõe parece ser levado em conta para, por exemplo, a decisão paramétrica sobre a existência ou não, e de que tipo, de sujeitos nulos, o que parece argumentar pela representação, em algum nível da gramática, do paradigma verbal, embora teorias como a Morfologia Distribuída não reconheçam a necessidade de paradigmas enquanto constructo teórico. Parece-me que essa é uma pedra da qual sai muito leite ainda ...

Para disputar a bolsa de produtividade do CNPq, contudo, ainda penso que o melhor é me mover na área da sintaxe, onde está a minha formação mais consolidada e onde eu enxergo com mais clareza problemas que podem ser investigados com propriedade, e por isso em 2016 apresentei um projeto novo na minha trajetória acadêmica formal, intitulado “Aspectos de gramática comparada: português brasileiro e *kreyòl*”. Para que fiquem claras as razões de apresentar esse projeto e não (finalmente!) um projeto em morfologia, por exemplo, é preciso que passemos ao próximo tópico deste memorial, que diz respeito à minha atuação na extensão universitária. Vamos a ele.

## 4. Atividades de extensão

Nos meus anos de UFSC, nunca fiz extensão. Não entendia bem o que eu poderia fazer, enquanto gerativista, como atividade voltada para a comunidade externa à universidade. Por outro lado, sempre pensei que alguma contribuição para o ensino de língua materna nós deveríamos dar, mas essa seara está de tal maneira tomada pela linguística aplicada, que eu também nunca me dispus seriamente a ir tentar conversar com esse povo pra colaborar de alguma forma. Quando muito, junto com a Profa. Miriam Lemle, da UFRJ, escrevemos um texto que era uma resposta àquela celeuma no início da década de 2010 sobre o livro didático do MEC que “ensinava o português errado” para as crianças <sup>10</sup> e igualmente, com uma ex-aluna, uma resposta ao problema criado pelos gramáticos sobre a expressão “correr risco de vida”<sup>11</sup>.

Mas de vez em quando as necessidades da comunidade vêm bater à nossa porta – não somos nós que procuramos onde atuar, o espaço de atuação vem se apresentar para nós. Foi o que aconteceu em 2013 aqui na UFPR: a prefeitura e algumas ONGs vieram procurar o pessoal do curso de francês para pensar numa solução linguística para os haitianos que estavam se mudando em número cada vez maior para a cidade, trabalhando fundamentalmente na construção civil (estávamos preparando os estádios para a copa), mas não dominavam a língua portuguesa e assim se colocava a urgência de ensinar português para eles.

Quem teve a iniciativa de organizar um projeto de extensão para ensinar português para os migrantes foi o professor João Pugsley Grahl, professor da área de francês e coordenador do Curso de Letras na época. Ele me convidou para participar, mas eu estava na chefia do departamento e um tanto distante do ensino de português como língua estrangeira – trabalhei com isso durante o mestrado em Campinas e o doutorado em Genebra, mas nunca pesquisei na área de linguística aplicada ao ensino de línguas estrangeiras e não me via em condições de iniciar esse estudo naquele momento.

---

<sup>10</sup> LEMLE, M.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. Variação na expressão da concordância: várias gramáticas e vários gramáticos. Apresentação de trabalho em mesa-redonda sobre Ensino e gramática no *VIII Congresso internacional da Abralin*, UFRN, Natal, 2013.

<sup>11</sup> SANTANA, B. P. ; FIGUEIREDO SILVA, M. C. . Observações sobre a construção 'correr risco de'. Apresentação de trabalho feita na *25a. Jornada Nacional do GELNE*, UFRN, Natal, 2014.



Foi a Profa. Maria José Foltran que me incentivou a ir num sábado à tarde ministrar uma aula junto com ela, me dizendo uma coisa como: “se você for, você vai se apaixonar”. Verdade verdadeira. Verdadeiríssima, aliás! Nós começamos atuando juntas em sala de aula, de modo que nos revezávamos um pouco em termos de dias e horários; além de nós duas, em sala sempre tínhamos estudantes do curso de Letras interessados em ter essa experiência pessoal e profissional. No início tudo era bastante improvisado, tanto o atendimento quanto a triagem e o nivelamento, tudo muito intuitivo. Mas aos poucos foi surgindo um método e uma discussão teórica muito interessante sobre o que deveríamos fazer ali e que formato teria que ter a nossa atuação.

Acabei assumindo a coordenação do projeto em 2014, agora formalizado como um projeto de extensão intitulado PBMIH – Português brasileiro para migração humanitária – e tenho algum orgulho de dizer que o “brasileiro” que consta do título é fruto da minha intervenção nas discussões, insistindo para que o português brasileiro fosse a língua que deve ser ensinada para essa população, interessada primordialmente em compreender o que falam os brasileiros e ser compreendida em sua produção oral também pelos brasileiros.

Por um problema de preenchimento do Lattes, fica parecendo que eu permaneci desde 2014 na coordenação do projeto, mas isso não é verdade: entre julho de 2016 e abril de 2017 eu estive no meu segundo estágio de pós-doc e, entre o final de maio de 2017 até o final de maio de 2019 eu estive na coordenação do Programa de Pós-graduação em Letras, o que me obrigou a me afastar da coordenação propriamente dita. Mas me mantive envolvida com o PBMIH como um todo na medida em que o projeto do CNPq em gramática comparada foi igualmente o projeto de pós-doc desenvolvido na UFRJ sob a supervisão do Prof. Andrew Nevins e também porque orientei uma dissertação de mestrado sobre a comparação entre a representação temporal e aspectual do português brasileiro e do *kreyòl*, um trabalho que rendeu várias apresentações em congressos<sup>12</sup> mas nenhuma publicação até agora – essa é uma constante que eu já havia notado lá atrás no trabalho sobre padrões entoacionais e sintaxe: sem autorização do comitê de ética para os testes com humanos (mesmo que

---

<sup>12</sup> Por exemplo, CURSINO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.. Past tense and telicity in Haitian Creole. Pôster apresentado no *WFL 2018*, na UFPR, Curitiba; ou CURSINO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. Sobre tempo e acionalidade no *kreyòl*. Trabalho apresentado no *Encontro intermediário do GT de Teoria da Gramática da ANPOLL*, na UFBA, Salvador, em 2016.

sejam completamente inofensivos porque são apenas julgamentos de gramaticalidade!) e sem um tratamento estatístico acurado para avaliar a relevância dos dados obtidos, as revistas de um modo geral rejeitam o artigo *in limine*, independentemente de outros problemas que o texto possa ter.

Para além da questão de a minha pesquisa pessoal estar acoplada a esse projeto de extensão, é muito interessante que um projeto de extensão tenha a dimensão de pesquisa. Talvez num primeiro momento a extensão não fosse concebida dessa forma, mas no caso do PBMIH logo ficou evidente que deveria haver uma discussão ali sobre um projeto pedagógico do curso que procurasse resolver problemas específicos da dinâmica desses cursos. Por exemplo, os cursos de português brasileiro são ministrados aos sábados de tarde, porque esse é o horário que os migrantes em princípio teriam disponível. Contudo, uma coisa que se observou desde o início foi a presença intermitente do aluno no curso, seja porque em certos sábados ele arrumava trabalho extra pra fazer, seja porque ele estava exausto da semana, seja porque o dinheiro para tomar o ônibus de ida e volta fazia falta durante a semana seguinte. A alternativa pedagógica foi estruturar o curso com base na ideia da porta giratória, isto é, como em cada aula se arrisca ter um grupo de alunos diferentes em sala de aula, seria interessante que cada aula tivesse um começo, um meio e um fim. Não que seja impossível retomar conteúdos em aulas subsequentes, mas a lógica de um curso regular, com unidades temáticas que se estendem por vários encontros, não funcionaria aqui. Daí deriva outra necessidade, que é a produção de material didático específico para essa população, um desafio para os alunos de graduação que vêm integrar as equipes de professores dos cursos.

Essas ideias pedagógicas não são minhas, mas eu as integrei na minha atuação no PBMIH. Voltei a ser coordenadora do projeto agora no segundo semestre de 2019, e também estou ministrando um curso ali, de nível intermediário. A população de alunos mudou bastante, hoje sendo composta por uma quantidade cada vez maior de venezuelanos, mas também de sírios, para além dos haitianos. E, embora implique em ocupar todas as tardes de sábado, é inegável que este é o trabalho mais recompensador que eu faço na universidade hoje. De fato, a Mazé tinha razão: quem vem uma vez se apaixona!

## 5. Atividades administrativas

Não era muito claro para mim, quando comecei a carreira acadêmica, que seria necessário, num momento ou noutro, assumir algum cargo administrativo. Se eu tivesse observado os meus professores na USP ou na UNICAMP, teria visto que seria assim. Todavia, por alguma razão pegar algum cargo me parecia uma escolha pessoal, talvez uma ilusão criada pela eleição para os cargos e eventualmente pela presença mesma de mais de uma chapa de candidatos...

Era uma ilusão. Pegar cargos é uma necessidade, porque são os docentes que tocam a burocracia da universidade, uma coisa que podia fazer muito sentido lá na fundação das universidades, mas que hoje me parece definitivamente uma péssima ideia: o gerenciamento da universidade se tornou uma tarefa complexa, que exige conhecimentos em direito, em contabilidade, em psicologia relacional, enfim, tudo aquilo que nós não temos em nossa bagagem formativa. Mas como essa decisão do professorado não é posta em questão, só nos resta nos deixarmos convencer por algum colega a assumir um cargo e depois de dois anos caçar pelos corredores algum outro colega que se deixe convencer a assumir o cargo que queremos largar!

Nos meus agora 23 anos de professor efetivo nos quadros federais, assumi basicamente três grandes cargos administrativos: fui duas vezes chefe de departamento e uma vez coordenadora do curso de Pós-graduação. Assumi também cargos menores, como a coordenação da pesquisa do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas e também a coordenação de pesquisa do Centro de Comunicação e Expressão, o que me fez coordenar o PIBIC no CCE/UFSC durante dois ou três anos – como essas informações não estão no Lattes, não consigo ser mais precisa sobre elas...

Os grandes cargos que assumi eu dividiria em duas categorias distintas. As chefias de departamento, tanto na UFSC quanto na UFPR, foram bastante tranquilas, em particular porque em ambas as instituições a secretaria dos departamentos contava com excelentes funcionários. Tenho algum orgulho de ter criado o curso de português noturno na UFSC; na UFPR ele já existia antes da minha gestão e não me parece que eu tenha dado alguma contribuição particularmente interessante durante os anos em que fui chefe.

Por outro lado, a coordenação do curso de Pós teve um custo pessoal elevadíssimo, a começar porque eu não pude contar com bons funcionários

desde o início e também porque a vice-coordenadora se transferiu para a UFRJ, de modo que fiquei sozinha na gestão. E há complicadores na coordenação do curso que a chefia do departamento não tem. A primeira delas é que a coordenação lida também com os alunos, além de lidar com professores; a segunda, mais séria, é que lida com dinheiro, muito mais dinheiro que o departamento, e isso é sempre um problema. O PPGLET- UFPR obteve nota 6 na última avaliação da Capes, o que implicou em passar a receber verba PROEX, uma verba 50% maior que a verba PROAP que o curso dispunha quando era nota 5, agora disponibilizada diretamente numa conta aberta em nome do coordenador (isto é, sob o seu CPF!) – e isso é um pesadelo!

Também aqui não tenho a impressão de que dei alguma contribuição significativa, para além do fato de ter ficado no cargo do começo ao fim. Notei, já na época, que eu reclamava o tempo todo, muito mais do que eu tinha visto qualquer dos coordenadores anteriores reclamar! Acho que eu detestei muito estar fazendo o que eu estava fazendo. E, embora o meu Lattes não revele um vazio completo de publicações no período de maio de 2017 a maio de 2019 (em parte porque o estágio de pós-doc feito imediatamente antes de eu iniciar a coordenação tinha alguns frutos para dar), é nítido para mim como eu estagnei nesses dois anos, produzindo basicamente textos do estilo *the state of the art*, que não exigem nem leitura nem imaginação, mas apenas resenhas. Mesmo o atendimento aos alunos de iniciação científica, mestrado e doutorado ficou comprometido, porque eu não conseguia ler os textos que queria que eles lessem e dependia fundamentalmente de que eles me contassem o que leram.

A grande vantagem de pegar um cargo desses é que, uma vez que termina a gestão, eu posso me fazer de invisível. Dito de outro modo, eu creio que já dei a contribuição que enquanto servidora eu deveria dar para a administração e me prometi não fazer mais isso comigo. Basta de grandes cargos! Só pego agora pequenas representações que não impliquem em dinheiro ou que tenham caráter acadêmico. E de fato já estou numa: estou assumindo aos poucos a coordenação do PLE (Português como Língua Estrangeira) no CELIN (o centro de línguas da UFPR). É um cargo administrativo, mas é principalmente um lugar onde se pode trabalhar a formação de alunos e a pesquisa em PLE, um tema novo para mim sobre o qual voltarei na última seção deste memorial.

## 6. Produção acadêmica

Olhando retrospectivamente para a minha produção bibliográfica, consigo identificar um talento em mim que eu acho que é real: gosto muito de escrever manuais didáticos. Sabe quando a gente acha que tem a mão pra coisa? É bem esse o caso!

Tenho seis livros publicados: o de 1996 é a minha tese<sup>13</sup>, exigência da universidade onde me doutorei; um outro, de 2006, é um *selected papers* de um congresso que o João Costa e eu organizamos em Portugal na época do meu pós-doc em Lisboa<sup>14</sup>; um terceiro, agora de 2019, é uma edição crítica (feita em parceria com o Mourivaldo Santiago Almeida e o Emílio Pagotto), mais exatamente uma revisão pente fino do último livro escrito por Mattoso Camara<sup>15</sup>, que estava cheio de erros e ninguém tinha se disposto até então a pegar e corrigir. Mas os outros três são manuais escritos para o ensino universitário.

O primeiro deles, de 1999, é uma parceria com o Carlos Miotto e a Ruth Lopes e remonta aos primeiros anos de ensino de sintaxe na graduação da UFSC. A falta de material sobre especificamente a Teoria de Regência e Ligação, que era o modelo que tínhamos escolhido expor para os alunos, nos fez escrever algumas apostilas – o Miotto tinha escrito uma sobre teoria do caso e outra sobre teoria temática; a Ruth escreveu uma sobre teoria X-barra, mas isso ainda era pouco. Em 1998 a Pró-reitoria de graduação da UFSC abriu um edital para financiar a produção de material didático para a graduação. Era um dinheiro razoável – coisa de cinco mil reais – e eu fiz um projeto para organizar as apostilas que tínhamos e escrever os outros capítulos que faltavam para construir um quadro completo do modelo que explorávamos na graduação. Eu acabei ficando encarregada de escrever a primeira versão da teoria da ligação e o capítulo sobre movimento, e todos nós lemos e comentamos/reescrevemos

---

<sup>13</sup> FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A Posição Sujeito Em Português Brasileiro - Frases Finitas e Infinitivas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996. 201p.

<sup>14</sup> COSTA, J. ; FIGUEIREDO SILVA, M. C. (Org.) *Studies on Agreement*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2006. 285p .

<sup>15</sup> CAMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa* - Edição crítica de PAGOTTO, E.G.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. 1ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2019. 191p.

todos os capítulos do livro, incluindo a introdução. No começo do ano seguinte estava pronto o *Manual de sintaxe*<sup>16</sup>.

Observo que a Pró-reitoria queria que produzíssemos material mas não garantia que a editora da UFSC publicasse aqueles materiais, razão pela qual acabamos publicando por um editora local – a Insular – e o livro saiu cheio de erros! Mas em 2004 fizemos uma nova versão do livro e publicamos com a mesma editora<sup>17</sup> – só que agora nós já estávamos mais espertos e queríamos ver tudo antes de ir para o forno, uma providência que se revelaria muito sensata em geral, para todas as publicações! Esse livro teve uma segunda e uma terceira edição pela Insular e finalmente em 2013 foi parar na Editora Contexto, com o mesmo nome: *Novo manual de sintaxe*<sup>18</sup>. Eu tenho muito orgulho desse livro, nas suas mais diversas versões. Por muitos anos este foi o único manual de sintaxe disponível no mercado e isso evidentemente divulgou os nossos nomes e o nome da nossa instituição no Brasil inteiro!

Em meados do ano 2000, surgiu a possibilidade de participar do curso Letras-Libras, que a UFSC capitaneava no modelo de ensino à distância. A disciplina que me caberia seria morfologia. Esse curso tinha a particularidade de se dirigir ao público surdo e por isso seria inteiramente sinalizado em Libras e disponibilizado no site nesse formato, além de se apresentar também escrito em português. De qualquer modo, o que eu deveria escrever era o material para uma introdução geral à morfologia do português, já que a discussão sobre a morfologia de Libras seria feita em outro momento por especialistas em Libras.

Aqui de fato eu tinha um desafio pela frente. Eu já ministrava a disciplina de morfologia na graduação em Letras há muitos anos, mas não imaginava o que poderia ser a morfologia de Libras. Estudei um pouco de Libras, mas devo confessar que desisti de contemplar as línguas de sinais no que eu estava escrevendo. Em vez disso, nessa primeira versão do material, eu me preocupei fundamentalmente em mostrar os problemas morfológicos que historicamente preocupam os estudiosos dessa disciplina; procurei igualmente construir uma ideia de como é um método científico de investigação, usando tanto o

---

<sup>16</sup> MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LOPES, R. E. V. *Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Editora Insular, 1999. 208p.

<sup>17</sup> MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LOPES, R. E. V. *Novo Manual de Sintaxe*. 1ª ed. Florianópolis: Editora Insular, 2004. 280p .

<sup>18</sup> MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LOPES, R. E. V. *Novo manual de sintaxe*. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2013. 267p

Estruturalismo de Mattoso Camara na discussão sobre flexão quando a morfologia gerativa na discussão sobre derivação e composição. Lembro que esse material era pago pela Universidade Aberta do Brasil e, uma vez entregue, era de propriedade da UaB.

A primeira graduação em Letras-Libras começou em 2006 e, ministrando a disciplina, eu me dei conta de que os surdos tinham tido contato parco com o conteúdo da gramática tradicional, e que o material deveria contemplar em alguma medida esse conteúdo também que, a bem da verdade, era desconhecido para eles. Por essa razão, eu reescrevi parcialmente o material para a segunda versão do curso, de 2009, tirando o capítulo que versava sobre composição (dado que composição é a grande operação morfológica de Libras e, portanto, seria amplamente explorada na disciplina específica de morfologia de libras) e enchendo os outros capítulos com notas de rodapé que tratavam dos conteúdos de morfologia que aparecem nas gramáticas tradicionais: pela primeira vez, os surdos veriam a gramática tradicional do português completamente sinalizada em Libras!

No final da primeira década do século XXI, também o curso de Português conheceria uma versão EaD. A coordenadora do curso era a Profa. Roberta Pires de Oliveira e eu fui convidada para escrever o material didático e ministrar a disciplina de Aquisição da linguagem, já que a Profa. Ruth Lopes tinha se concursado na UNICAMP e não fazia mais parte dos quadros a UFSC. Eu também tinha me concursado na UFPR e já estava com um pé fora da UFSC em 2009, mas escrever o material me parecia muito interessante e eu quis fazer isso, costurando uma supervisão com a Ruth Lopes, já que eu ministrava regularmente a disciplina de Aquisição na graduação mas nunca fiz pesquisa na área – e faz muita diferença ter ou não pesquisa na área, como eu pude constatar escrevendo esse material...

De qualquer modo, tanto o material de morfologia para o Letras-Libras quanto esse de aquisição para o curso de Português EaD eram de propriedade da UaB e eu não poderia fazer uso dele na forma em que ele se encontrava. Contudo, em 2015, os professores Renato Basso, Izete Coelho e Roberta Pires de Oliveira aprovaram na Editora Contexto uma coleção de livros universitários que utilizariam como base esses materiais produzidos para a UaB reformatados dentro de um modelo específico, que diferenciaria suficientemente forma e

conteúdo, de modo que se poderia aproveitar em parte o trabalho já feito desde que adaptado a esse formato completamente novo. Para a confecção do que seria agora um livro didático universitário, certas parcerias foram sugeridas – por exemplo, para o livro de Aquisição da linguagem, a sugestão foi uma parceria entre a professora Elaine Grolla, que escreveu o material de Aquisição para o Letras-Libras, e eu, que tinha escrito o material para o Letras-Português. Que ótima ideia! A junção dos dois textos resultou num livro que me parece muito bom, inclusive porque a professora Elaine tem a expertise da pesquisa na área e o livro oferece muitas dicas e orientações exatamente para quem quer fazer pesquisa! O resultado me parece excelente! O livro foi lançado em 2014<sup>19</sup>.

Para o material de morfologia o caminho foi um pouco mais tortuoso, por várias razões. A primeira é que não havia parceria possível com o material escrito para o curso de Português à distância, o que descartava a mesclagem de materiais como fonte de diferenciação. Eu cogitei uma série de ideias de organização do livro para a série da Contexto e pensei em alguns colegas de ofício que poderiam ser parceiros nesse livro, mas a verdade é que demorou um pouco pra encontrar o parceiro e o formato para o livro: depois de muitas conversas por e-mail e por telefone, eu e o Alessandro Boechat, professor da UFRJ, chegamos num formato que ambos concordamos que seria interessante: o livro se organizaria em cima de um conjunto de perguntas clássicas em morfologia – como se define palavra? Quais são as classes de palavras que a morfologia deve reconhecer? Flexão e derivação são operações morfológicas de base? – e das respostas que os diferentes quadros teóricos dão a elas, começando pela gramática tradicional, passando pelo estruturalismo, pela gramática gerativa clássica e chegando à morfologia distribuída. O Renato Basso, que na época foi quem intermediou o contato com a Contexto, também aprovou o formato e foi assim que lançamos o livro em 2016<sup>20</sup> no Rio de Janeiro, quando eu estava lá fazendo o meu segundo pós-doc.

À parte os livros, tenho tentado manter um nível de publicação anual compatível com o que se exige de quem integra um programa de pós-graduação (agora nota 6) e sobretudo de quem quer manter uma bolsa de produtividade

---

<sup>19</sup> GROLLA, E.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. *Para conhecer: Aquisição da linguagem*. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2014. 176p .

<sup>20</sup> FIGUEIREDO SILVA, M. C.; MEDEIROS, A. B. *Para conhecer: Morfologia*. 1ª. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016. 159p .



em pesquisa do CNPq. Assim, desde 1989, quando eu publiquei um *squib* na DELTA (que orgulho de mim!), eu tenho 21 artigos completos em periódicos, 20 capítulos de livros e 13 trabalhos completos publicados em anais de eventos (que são do tempo em que anais de eventos contavam como publicação de verdade!). É preciso considerar que nos cinco primeiros anos eu estava fazendo uma especialização e depois o doutorado e a pressão por publicações não era nem uma sombra do que é hoje.

Esses 54 textos contemplam evidentemente os projetos de pesquisa que fui desenvolvendo com financiamento do CNPq (15 textos), mas também o meu interesse pela morfologia (13 textos) e outros interesses diversos que foram surgindo pelo caminho, incluindo a sintaxe pura e simples (26 textos). Não creio que seja o caso de comentar um por um aqui, mas talvez de falar de alguns deles, os que me agradam mais por um motivo ou por outro.

No terreno da morfologia, um dos meus textos preferidos é um capítulo de um livro de 1998, uma publicação organizada pela então coordenadora do Programa de pós-graduação em linguística da UFSC em parceria com outra professora do Programa<sup>21</sup>. Esse texto é fruto da única vez que eu corrigi o vestibular na UFSC, quando fiz uma série de anotações dos fenômenos morfológicos que eu via nas provas. O que atraiu particularmente a minha atenção foi uma construção que eu chamei de “falsa mesóclise”: eram formas como *encontrar-mo-nos*, por exemplo, em que o futuro do subjuntivo (ou infinitivo pessoal) acompanhado de um pronome em ênclise recebia hífen separando também a morfologia número pessoal, como se a forma fosse de futuro do presente ou do pretérito do indicativo com um pronome intercalado (a mesóclise): *encontrar-nos-emos*, por exemplo. O texto era, a rigor, bastante ingênuo e não tinha propriamente uma análise para o fenômeno, apenas essa observação factual de que a mesóclise parece ser mais uma questão de distribuição espacial do que um fenômeno gramatical para os falantes de PB.

Gosto muito também de um texto que eu escrevi junto com o Carlos Miotto sobre prefixação<sup>22</sup>. Na verdade, não é uma visão particularmente nova de prefixação, mas o texto ficou bem organizado, com um conjunto de exemplos

---

<sup>21</sup> FIGUEIREDO SILVA, M. C.. Inovações morfológicas no português brasileiro. In: Loni Grimm Cabral; Edair Gorski. (Org.). *Linguística e Ensino: reflexões para a prática pedagógica da língua materna*. Florianópolis - SC: Editora Insular, 1998, p. 181-198.

<sup>22</sup> FIGUEIREDO SILVA, M. C.; MIOTTO, C. Considerações sobre a prefixação. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 7, 2009.

revelador sobre dupla prefixação, como *desimobilizar* ou *indesmobilizável*. E achei também que ficou muito bom um texto escrito em parceria com a Fabíola Sell sobre compostos em Libras<sup>23</sup>, publicado em um livro organizado por Carlos Miotto e Roberta Pires de Oliveira em comemoração aos 10 anos do Núcleo de Estudos Gramaticais (NEG), que fundamos na UFSC no início dos anos 2000.

Aliás, gosto de muitos textos escritos em parceria com os meus amigos acadêmicos: um *squib* também com o Carlos Miotto para a DELTA sobre *WH que* e *WH é que* <sup>24</sup>; um texto antigo escrito em parceria com a Valentina Bianchi ainda nos tempos de doutorado (já citado na nota 1), sobre objetos nulos do PB que ainda hoje me parece muito preciso na generalização que apresenta sobre objetos nulos inanimados (que se comportam como verdadeiros pronominais nulos) e objetos nulos animados (que têm um comportamento mais próximo ao de variáveis do que de pronomes); e uma série de textos escritos em parceria com Izabel Seara sobre a prosódia das sentenças SV e VS em português brasileiro, publicados entre 2006 e 2008<sup>25</sup>.

Tenho dificuldade é com o último grito da moda: a internacionalização – como o meu inglês é sofrível, escrever em inglês é sempre um desastre! Ainda assim, tenho alguns trabalhos de que me orgulho, muito por conta das parcerias: dois textos em parceria com João Costa<sup>26</sup>, um dos quais é fruto de uma apresentação no GLOW de 2003 (uau!); um texto em parceria com o Sérgio Menuzzi e a Jenny Doetjes<sup>27</sup>, fruto do projeto Capes/Nuffic coordenado pela

---

<sup>23</sup> FIGUEIREDO SILVA, M. C.; SELL, F. F. Algumas notas sobre compostos em português brasileiro e em Libras. In: Roberta Pires de Oliveira; Carlos Miotto. (Org.). *Percursos em Teoria da Gramática*. 1ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011, p. 17-41.

<sup>24</sup> MIOTTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. Wh Que = Wh É Que? *DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 11/2, p. 301-311, 1995.

<sup>25</sup> FIGUEIREDO SILVA, M. C.; SEARA, I. C. . Observações sobre a entoação das sentenças SV em português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14, p. 151-183, 2006.

SEARA, I. C. ; FIGUEIREDO SILVA, M. C. . Uma nota sobre o padrão entoacional das sentenças VS em português brasileiro. *Letras de Hoje*, v. 42, p. 114-128, 2007.

SEARA, I. C. ; FIGUEIREDO SILVA, M. C. . Metodologia para descrição da entoação na interface sintaxe-fonologia. *Intercâmbio* (PUCSP), v. 16, p. 6, 2007.

FIGUEIREDO SILVA, M. C.; SEARA, I. C. . Mais sobre a entoação de sentenças com ordem SV. *Revista Letras* (Curitiba), v. 75/76, p. 171-181, 2009.

<sup>26</sup> COSTA, J.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. Nominal and Verbal Agreement in Portuguese: an Argument for Distributed Morphology. In: João Costa; Maria Cristina Figueiredo Silva. (Org.). *Studies on Agreement*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2006, v. , p. 25-46.

COSTA, J.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. On the (in)dependence relation between syntax and pragmatics. In: Molnár, Valéria; Winkler, Susanne. (Org.). *The Architecture of Focus*. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, 2006, p. 83-104.

<sup>27</sup> MENUZZI, S.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; DOETJES, J. Subject Bare Singulars in Brazilian Portuguese and Information Structure. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 13-14, p. 7-44, 2015.

Maria José Foltran aqui na UFPR, que me permitiu um estágio de curta duração na Holanda, onde começamos o trabalho, a Jenny e eu; e finalmente um capítulo sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo no português europeu e no português brasileiro, feito em parceria com a Inês Duarte, da Universidade de Lisboa<sup>28</sup>, publicado num livro referência internacional sobre o português.

Finalmente, eu gostaria de mencionar a formação de quadros para o ensino superior, parte da nossa tarefa como professores universitários. Essa é uma parte das minhas funções que eu acho que eu não cumpri muito bem. Na verdade, o que me incomoda é ver que os meus alunos de doutorado não continuaram o projeto que desenvolveram comigo no doutorado. Formei oito doutores. A Sandra Mara Silvério faleceu em 2002, quando era recém-doutora aqui na UFPR; a Fabíola Sell se concursou na UDESC, mas na área de educação especial, já que acabou fazendo a graduação em Libras depois de doutora; a Sanir hoje trabalha no Instituto Federal Catarinense, em Camboriú, mas eu nunca mais soube de nenhum trabalho dela na área. Cheguei a ver a Ana Luzia Dias Pereira em um congresso não faz muito tempo, mas ela definitivamente está em outra atividade, ainda que seja a única pessoa que eu conheço contratada como linguista. Duas ex-alunas minhas, a Cristina Yukie e a Solange Mendes, são professoras da PUC/PR, mas talvez só a Solange ainda trabalhe com morfologia, que foi a área da sua tese; a Cristina definitivamente migrou para a área de texto – oh, Senhor! O que eu fiz de errado? O Flávio Martins me parece que abandonou mesmo a área, porque não vejo ele nem nos congressos nem nos concursos da área; por outro lado, a Beatriz Santana é inteligentíssima, espero sinceramente que ela continue o trabalho em morfologia distribuída.

Sim, tive alguns alunos de mestrado que foram em frente na carreira – por exemplo, a Cristina Prim fez o doutorado na UNICAMP e hoje é professora da UTFPR; e eu tenho muita esperança no Maurício Resende, que está terminando o doutorado na UNICAMP. Mas lamento muito que a Mercedes Bonorino e o Alberto Gonçalves não tenham jamais se engajado num doutorado, porque os dois tinham grande capacidade de pensamento abstrato e sensibilidade para os dados, mas desistiram da carreira acadêmica bem cedo ...

---

<sup>28</sup> DUARTE, I. ; FIGUEIREDO SILVA, M. C. . The null subject parameter and the structure of the sentence in European and Brazilian Portuguese. In: Wetzels, L.; Costa, J.; Menuzzi, S.. (Org.). *The Handbook of Portuguese Linguistics*. 1ª.ed. Londres: Wiley-Blackwell, 2016, v. , p. 234-253.

## 7. Notas finais ou o que eu ainda quero fazer na minha vida acadêmica

É tempo de terminar esse memorial. Aliás, estou bem atrasada com ele! Mas não é possível terminar essa reflexão sem pensar no que ainda vou fazer nos anos que me restam antes da aposentadoria, agora mais distante por conta da reforma da Previdência e a necessidade de ficar no cargo por pelo menos cinco anos se eu quiser levar para a aposentadoria os 60% do troco que a progressão para titular vai me dar...

Em princípio, não é um problema ficar trabalhando mais alguns anos. Nós não somos jogadores de futebol: a nossa carreira é interessante exatamente porque o auge dela é lá pelo meio dos 60 anos. Por outro lado, é nítido também que o gás da gente vai acabando e vai ficando cada vez mais difícil sustentar o esquema de aula na graduação e na pós, reuniões de departamento ou colegiado de curso, orientação nos diferentes níveis, participação em comissões e bancas de toda natureza, pra não falar nos cargos administrativos dos quais não conseguimos nos livrar, além da montanha de pareceres para revistas e congressos que fazemos em nosso tempo “livre”! Tudo isso exaure a gente!

De todo modo, há um conjunto de coisas que eu ainda gostaria de fazer, que é um modo também de planejar a aposentadoria. O meu envolvimento com o PBMIH e agora com a coordenação do PLE no Celin estão nessa linha de raciocínio. Eu comecei a trabalhar com ensino de português para estrangeiros lá no mestrado e penso que foi uma das atividades que eu tive que mais me ensinou sobre o português brasileiro. Não é só uma questão de pensar nas estruturas do português falado para ensinar para o estrangeiro; é principalmente o que o olho do estrangeiro vê na língua que nós não vemos – dito de outro modo, é o que vemos pelo olho do estrangeiro, que o nosso olho de falante nativo naturaliza e torna invisível. Esse aprendizado é incrível!

Além disso, nos últimos anos a linguística teórica tem assumido um papel mais ativo nas discussões sobre ensino de língua materna e também de língua estrangeira, em parte pelo fracasso que muitas teorias em linguística aplicada têm revelado em resolver problemas básicos da aprendizagem de língua, mas em parte também porque temos voltado a nossa atenção para certos problemas de descrição linguística para os quais temos soluções bem interessantes.

Atualmente eu estou orientando uma professora com muitos anos de experiência de ensino de PLE e temos trabalhado um pouco na “tradução” que podemos fazer de certos achados teóricos importantes, certas generalizações consistentes que já encontramos em nossos estudos formais, para problemas de aprendizado mais ou menos renitentes. Por exemplo, publicamos recentemente um estudo sobre a distribuição de *ser* e *estar* <sup>29</sup> que, sem abordar *in totum* a complexidade do problema, procura trazer um pouco do que sabemos sobre a distribuição desses verbos, instrumentalizando minimamente os professores de PLE para lidarem com as questões dos alunos estrangeiros sobre esse problema.

De modo mais geral, os alunos de graduação que atuam no PBMIH são instados a participarem de uma reunião semanal de formação, que atualmente tem o formato de uma disciplina optativa que versa exatamente sobre as particularidades do português brasileiro. Claro, é uma disciplina generalista, mas temos lido alguns capítulos do *Português brasileiro: uma viagem diacrônica* para entender melhor o que aconteceu na história do português brasileiro e o que é que constitui a diferença exatamente com respeito ao português padrão ou ao português europeu. Como o ensino de língua estrangeira coloca problemas específicos também, essa disciplina formativa vai mudando de teor segundo o semestre e quem a assume, mas sempre que eu posso pegar a optativa, eu pego. No semestre que vem, por exemplo, a disciplina é de exame de materiais didáticos disponíveis no mercado – eu vou ministrar a disciplina e assim imprimir também nela essa “pegada” mais formalista.

O mesmo tipo de procedimento orienta a minha participação no Celin: os estagiários devem frequentar uma reunião semanal de formação, todas as quartas-feiras à tarde, quando lemos alguns textos e discutimos problemas específicos dos diferentes níveis de curso. Do mesmo modo, é preciso ler textos a respeito de diferentes problemas, mas os textos que eu pauto são sempre relativos ao português brasileiro. Acho essa formação crucial para eles.

Evidentemente, há um hiato entre esse desejo de formação para os alunos e as aulas de português para estrangeiro propriamente ditas. É por isso que eu também ministro aulas no PBMIH – este semestre estou com a turma de Intermediário 1. Devo dizer que é uma das atividades que eu faço que eu mais

---

<sup>29</sup> SANTOS, J. M. P.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. *Ser e Estar* em sentenças locativas: observações voltadas à formação de professores da PLE. *REVISTA DA ABRALIN*, v. 17, p. 226-261, 2018.

gostos! Já gostava quando fazia isso em Campinas, nos idos 1988, 1989, quando eu ia de moto pra lá e pra cá, na casa dos alunos, ensinar português. Também em Genebra eu dei muitas aulas de português brasileiro – lá eu inclusive escrevi todo um material que hoje ainda me serve, porque intuitivamente eu fazia muitas coisas que hoje eu leio nos textos de linguística aplicada como as grandes ideias para o ensino de línguas – o tópico gramatical deve estar inserido num tema de aula onde faça sentido explicar aquele ponto da gramática, por exemplo, coisas mais ou menos óbvias, mas que talvez precisem ser ditas...

De qualquer modo, depois de aposentada, se eu estiver bem de saúde, eu ainda quero ir viver mais uns anos fora do Brasil. Penso em ser leitora em alguma universidade na China ou na Tailândia, um país diferente, numa parte do mundo que eu não conheça ainda. E desde já vocês estão convidadíssimas a me visitar!